



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

## HOMILIA

### Por ocasião do aniversário do «OXI»



*Catedral Metropolitana 31 de outubro de 2021.*

S.E. Sra. Elisabeth Fotiadou, Embaixadora da Grécia na Argentina;  
Hon. Sr. Fotis Filendas, Cônsul da Grécia na Argentina;  
Hon. Arcontes Oficiais da Santa e Grande Igreja de Cristo;  
Hon. Presidentes de todas as Coletividades e Instituições Helênicas em Buenos Aires;  
Membros das Forças Armadas argentinas;  
Filhas e Filhos no Senhor;

Quando o embaixador italiano em Atenas, *Emmanuele Grazzi*, entregou o ultimato do ditador italiano ao general Ioannis Metaxás, dizem que ele respondeu com um lacônico e definitivo «NÃO», inferindo com este *«alors c'est la guerre!»*

Este lapidário «NÃO» foi a resposta de um militar que, para além do seu instinto militar, soube interpretar a vontade do povo helênico que unanimemente aderiu a esta recusa, fazendo com que os planos dos países do eixo fracassassem por causa de uma futura série de «fatalidades» inesperadas que eles nunca teriam imaginado.

Nem o ditador nem o seu enviado esperavam a negativa de Metaxás e do povo helênico que desencadeou o que hoje consideramos um *«feito heróico»*. Era previsível que as forças do eixo contassem com a cooperação de um pequeno país sem poderio militar para se contrapor a tamanho maquinário de morte. No entanto, a história deu uma guinada inesperada: a decisão desta pequena nação com poucos recursos militares, mas precedida por uma *estirpe de heroísmo* de séculos, apesar de entrar em um conflito que poderia ter consequências inesperadas e terríveis para si. -Como de fato aconteceu-, foi o presságio que indicou que os poderosos da terra não podem evadir-se das leis universais - e, portanto, implacáveis; do que na teologia ortodoxa chamamos *νομοτέλεια*. Neste momento da reflexão ressoam as palavras de Isaías, o Profeta que clama: *«Πρόσθες αὐτοῖς κακά, Κύριε, πρόσθες κακά, τοῖς ἐνδόξοις τῆς γῆς»* - *«Expandiste nossa nação, Senhor, expandiste nossa nação e te cobriste de glória»* (Is 26: 15).

Sim, hoje celebramos o *feito heroico* e os nossos heróis que se opuseram ao eixo nazifascista e levaram sua decisão ao limite, apesar das consequências pagas. E estes, nossos heróis, não saíram da antiga mitologia helênica, mas de uma realidade histórica não muito distante de nossos tempos. Porque parece que o «*heroísmo*» hoje é uma condição extemporânea e não diacrônica; mitológico e não real; ideal e não executável. Ou, ao contrário, degradado e pervertido em uma caricatura de mau gosto do que nós e nossa Tradição ao menos pondera como digno de ser chamado de «herói» ou «heroico». Mas, tanto o primeiro, que implica a *impossibilidade*, quanto o segundo, que sugere *degradação*, são, pelo menos, um erro de concepção e interpretação.

Na verdade, o conceito de «heroísmo» é helênico. E, claro, tirado da mitologia. Daí a idealização do herói que, na hierarquia mitológica expressa pelo poeta Píndaro, tem uma posição intermediária entre os deuses e os homens, na medida em que possui características de ambos; seria como um «híbrido» entre a esfera celeste e a terrestre. Até Hesíodo considera o herói um «semideus» ou, analogamente, um super-homem. Karol Kerényi nos dá uma interpretação mítica do herói: «*Recebe um culto (na verdade, boa parte do culto é dedicado aos heróis [gregos]); mas não é de forma alguma uma divindade. Ele também não é um ser humano, ou melhor, ele não é mais um ser humano. Foi um homem, ou uma mulher, depois de ter vivido e sofrido uma morte heroica. A morte deu a ele um status de figura religiosa, ativa tanto no culto quanto no mito. Por esta razão, os homens modernos podem pedir sua ajuda ou tentar conjurar sua cólera; dirigem-se a ele, invocam-no e, por último, mas não menos importante, cantam suas altas proezas, os desígnios de Deus, foram constituídos como mediadores entre a divindade e os outros mortais, aqueles que ainda não alcançaram a bem-aventurança eterna.*»

Mas é nossa responsabilidade nesta e em cada oportunidade que celebramos nossos heróis para *desmistificar* sua figura, extraí-las da esfera da elucubração intelectual humana e colocá-los no plano da realidade, a fim de libertá-los e a nós do «abismo» que parece nos separar, mas que, na realidade, nos une -ou pelo menos nos dá essa possibilidade-, porque sempre, por natureza e por direito, os *heróis* são de condição humana -homens e mulheres- de carne e osso, com suas debilidades e circunstâncias, assim como nós, mas se distinguem apenas por serem consequentes até o fim com sua *natureza humana primigênia (primordial)*.

***Herói é, por fim, aquele que leva sua humanidade ao limite e a transcende.***

Essa transcendência, claro, se baseia naquela atitude de enfrentar e superar o que parece ser o último dos desafios do «homem mortal» que é a morte. Mas o herói não teme a morte; pelo contrário, é repugnante à covardia, falsidade, injustiça, concessão, impunidade, hipocrisia, conforto, interesse próprio; ao contrário, ele ama a verdade, se protege com justiça, exerce força, age com ousadia, prefere a compaixão, promove o bem comum. *Tudo ao custo de sua própria vida.*

É que o herói é uma pessoa virtuosa, mas não a partir de uma moralidade intransigente e extemporânea, mas do plano transcendental e dinâmico da humana natureza; já que o herói o é em virtude de um processo interno -geralmente intempestivo, vertiginoso, intransigente e indeclinável- através do qual ele anula todo vestígio de «*ego*» e «*se dá*», «*se entrega*», muitas vezes «*se imola*» - livremente e sem qualquer preconceito ou complexo anímico - por todos os axiomas que enumerei acima que são sempre para o benefício do conjunto, da sociedade, da humanidade: *é por isso que os heróis não são mais patrimônio de uma sociedade local, mas da humanidade como um todo.*

Talvez seja por isso que a dinâmica do mito torna o «herói» ἥμιθεος -semi-deus- na medida em que ele se «sacrifica» em busca do verdadeiro, do justo e, necessariamente, do universal, ao contrário de seu antagonista - do «anti-herói» - que coloca seu «ego» à frente e por isso é capaz de cometer qualquer tipo de atrocidade a qualquer custo e em todos os níveis, sem preconceitos.

Se não é possível falar de herói sem nos referirmos a conceitos como «*axioma*», ou seja, *valor*, como a Verdade, a liberdade, a justiça, o bem comum etc., também não o podemos fazer sem o conceito de «*kenosis*». Necessariamente, o «*heroísmo*» é o resultado de um processo nitidamente «*kenótico*»: o herói - mulher ou homem - *se esvazia* de sua natureza egóica e «*se dá*» por completo, sem limites, sem preconceitos, livremente; ele não se preocupa com a tortura, tormento ou mesmo a morte; percebe em seu momento histórico a missão de atualizar em sua pessoa -*como canal, como meio*- os axiomas mais elevados que fazem do homem uma criação destinada à divinização. É isso para além de suas crenças. É um reflexo da natureza humana primordial (primigênia) e já cristificada pela encarnação do Teântropo. Consequentemente, estamos diante de um «mistério» já que, em última instância, o «heroísmo» é um «mistério», pois, como diziam os antigos, ele *se realiza entre o céu e a terra*.

Queridos amigos,

Talvez por isso que nossos ancestrais helênicos viam nos antigos heróis como homens superiores, em escala não moral, mas existencial, ao homem normal. Talvez a dinâmica mitológica o imponha, e isso, claro, tem sua lógica. A desmistificação, não obstante, é uma prioridade atualmente, na medida em que devemos entender que o «*heroísmo*» também é possível hoje. Não é um atributo de seres fantásticos. É uma possibilidade para homens reais.

Nós também somos chamados por nosso destino - que não é a εἰμαρμένη mítica, mas a θεία πρόνοια και βουλή de nossa Tradição viva - a ser heróis. Não é uma miragem. Nem uma utopia. *É uma possibilidade*. E nós decidimos. Decidimos se queremos ser e estar à altura daquelas mulheres e homens que foram glorificados por terem se negado e se sacrificado a si mesmos pelo bem da humanidade, ou se preferimos nos colocar diante da pequenez de nosso próprio universo e visão de mundo - sempre distorcida, enquanto egoísta - em busca de nossos interesses mesquinhos.

**Aos heróis do grande feito do «OXI», a todos aqueles que se sacrificaram pela Fé, a Pátria, a Liberdade e a Justiça, saúde, glória e honra pelos séculos.**

ZHTΩ Η ΕΛΛΑΣ

ZHTΩ Η ΟΡΘΟΔΟΞΙΑ

ZHTO ΤΟ ΕΘΝΟΣ ΜΑΣ, Η ΡΩΜΙΟΣΥΝΗ ΜΑΣ

---

<sup>i</sup> Kerényi, K., *Os heróis dos gregos*, Girona, Atalanta 2009, p. 24-25.